

Azenha tem potencial para valorização da memória

Bairro de Porto Alegre pode desenvolver um roteiro histórico-cultural

/ INFRAESTRUTURA

Osni Machado

osni.machado@jornaldocomercio.com.br

Importante polo comercial, o bairro Azenha, em Porto Alegre, começa a ser redescoberto como um território estratégico para a valorização da memória e do desenvolvimento urbano sustentável. Tradicionalmente associado à presença de cemitérios, o bairro revela um potencial histórico-cultural ainda pouco explorado, capaz de impulsionar iniciativas de turismo, educação patrimonial e economia criativa.

Ponto de interesse da Associação de Moradores e Comerciantes do bairro Azenha, conforme defendido pelo presidente da entidade, Delmar Moers, esse movimento ganha força, principalmente pela atuação do Centro Histórico-Cultural Santa Casa (CHC), que tem reposicionado o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre como um verdadeiro “museu a céu aberto”. O espaço, que completará 176 anos no dia 6 de abril, reúne um dos mais importantes acervos de arte funerária do Estado, com mausoléus, esculturas e jazigos que narram parte significativa da história gaúcha.

Personalidades como Júlio de Castilhos, ex-presidente (governador)

do Rio Grande do Sul; Pinheiro Machado, senador gaúcho; Conde de Porto Alegre Manuel Marques de Souza, militar da Guerra Farroupilha; Otávio Rocha, ex-prefeito de Porto Alegre; e Borges de Medeiros, influente político gaúcho, estão sepultados no Cemitério da Santa Casa, o mais antigo da Capital.

A coordenadora Denise Viana e a historiadora Gabriela Moreira destacam que o cemitério ultrapassa a função tradicional de sepultamento para se consolidar como um ambiente de produção cultural. “É possível criar um roteiro histórico-cultural pelo bairro, tendo os cemitérios como eixo estruturante dessa narrativa urbana”, sugerem. A ação já consolidada inclui a valorização de túmulos de personalidades, transformando o espaço em um percurso de memória e conhecimento.

A programação especial de aniversário reforça essa vocação. Organizadas pelo CHC, as atividades reúnem caminhadas guiadas, visitas temáticas – inclusive noturnas –, oficinas de conservação, cursos de fotografia e intervenções teatrais. As ações têm atraído um público diverso, evidenciando o interesse crescente por experiências culturais ligadas à história da cidade.

Esse processo de ressignificação também resgata o papel do

bairro em momentos decisivos, como a Batalha da Ponte da Azenha, episódio que marcou o início da Revolução Farroupilha. “A combinação entre patrimônio material e acontecimentos históricos fortalece uma narrativa urbana singular, que pode ser explorada de forma estruturada.”

Em nota, a Câmara de Dirigentes Lojistas de Porto Alegre (CDL POA) destacou que reconhece a relevância histórica e econômica do bairro como um dos polos tradicionais do comércio da Capital. “Trata-se de uma região com diversidade de negócios, forte presença empreendedora e grande circulação de pessoas”, afirma o presidente, Carlos Klein. Nesse contexto, a CDL POA entende que iniciativas voltadas à qualificação da infraestrutura, segurança e desenvolvimento socioeconômico são fundamentais para valorizar o potencial da Azenha, em diálogo com os diferentes atores do território.

Para as especialistas, o potencial da Azenha vai além dos cemitérios. A criação de roteiros integrados, conectando pontos históricos e culturais, surge como alternativa para ampliar o fluxo de visitantes e dinamizar a economia local, além de preservar a identidade do bairro diante das transformações urbanas.

Na região, destacam-se espaços



Gabriela aponta o Cemitério da Santa Casa como ambiente cultural

como os cemitérios São Miguel e Almas, União Israelita Porto Alegrense e São José, além do Crematório Metropolitano. O bairro também possui praças e áreas de convivência que podem ser revitalizadas, como a Praça Princesa Isabel – que deixou de realizar neste ano o evento “Aldeia do Papai Noel” por falta de segurança – e a Praça Sport Club Internacional, marco do primeiro campo do clube na antiga Ilhota.

Há ainda a Praça Garibaldi, na divisa com a Cidade Baixa, a Praça Antônio João e a Praça da Saudade – Doutor Manuel May Pereira, além da “Rótula do Papa”, importante referência urbana.

Atualmente, o bairro mantém forte presença econômica. A avenida da Azenha consolidou-se como polo de comércio de autopeças, além de concentrar lojas, serviços e bancos. A região abriga instituições de saúde, como o Hospital Ernesto Dornelles, e possui fácil acesso a bairros estratégicos e ao Parque Farroupilha.

Apesar dos avanços culturais,

desafios persistem. Questões como segurança, iluminação pública e infraestrutura ainda são apontadas como entraves. A Brigada Militar informa que os indicadores de criminalidade permanecem estáveis, com redução de roubos a pedestres – de 16 para 12 registros – e de furtos mediante arrombamento – de três para dois casos. Ainda assim, comerciantes e moradores relatam sensação de insegurança.

Mesmo diante dos desafios, a experiência já demonstra demanda por projetos que valorizem a memória e promovam o uso cultural dos espaços urbanos. Ao evidenciar a riqueza simbólica do Cemitério da Santa Casa e sua conexão com a história de Porto Alegre, o bairro Azenha reafirma seu papel na preservação da memória coletiva. Mais do que um espaço de lembrança, a região se apresenta como um vetor de transformação, onde passado e presente se encontram para projetar novas possibilidades de desenvolvimento cultural e urbano.

Debate propõe políticas públicas e mobilização social no combate ao feminicídio

/ DIREITOS HUMANOS

Joaquim Porto

joaquimp@jcrs.com.br

Um dos tópicos mais comentados neste início de ano no Rio Grande do Sul são os feminicídios e como transformar essa indignação em política pública e mobilização social. Essa foi a pauta de ontem do Tá na Mesa, realizado pela Federação de Entidades Empresariais do Rio Grande do Sul (Federasul). Estiveram presentes Luciana Cano Casarotto, promotora de Justiça do Tribunal do Júri de Porto Alegre e vice-presidente da Associação do Ministério Público, e Natália Fetter, presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher, que ressaltaram a missão: “estancar a sangria que estamos vivendo”.

Até o respectivo momento, foram registrados 23 casos de feminicídio no Estado, apenas neste ano. A média de mais de sete mulheres mortas por mês assusta, e se encaminha para se tornar maior que em 2025, quando 80 vidas foram limadas. Luciana avalia que “os casos são um problema de todos”, e não se trata de um fenômeno isolado, mas sim resultado de uma cadeia de violências contra meninas e mulheres.

A promotora ainda acrescentou que o feminicídio não será enfrentado apenas no sistema de Justiça. “É necessário também o diálogo em escolas, com crianças, adolescentes, mulheres e especialmente, com os homens. A brutalidade só será reduzida quando as pessoas entenderem que a solução está em suas mãos”, afirma. Luciana acredita que a criação de políti-

cas públicas efetivas, como os grupos reflexivos de gênero, também fazem parte de uma solução, e que identificar sinais precoces pode ser a diferença entre a vida e a morte.

Já Natália Fetter afirma que é um problema multifacetado, que exige soluções complexas. “Não

existe uma resposta pronta. Passa por questões de cultura, educação e investimento em políticas públicas, e isso demonstra a complexidade do que estamos tratando”, relata. Ela complementa falando que além dos 80 feminicídios no RS em 2025, houveram mais de 18

mil casos de lesões corporais contra mulheres no Estado.

Apoiada nisso, Natalia alega que enfrentamos uma calamidade, que quando chega a um fato consumado de um assassinato, foi porque a sociedade como um todo falhou em um percurso longo. “É uma progressão da violência, de ameaça e de diversas tentativas”, diz. Ela ainda ironiza: “a violência contra mulher só acontece em horário comercial”. Isso pelo fato de as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deam), que deveriam funcionar 24h por dia, ainda não estão em todos os postos com esse formato de atendimento. Fato que acaba prejudicando ainda mais, em um cenário em que a mulher já possui dificuldades em perceber a violência, criar coragem para denunciá-la, e muitas vezes enfrentando estigmas sociais.



Debatadoras são unânimes que é preciso estancar a sangria no Estado